



SUMÁRIO

12330 - AS CATEGORIAS UNIVERSAIS PEIRCIANAS NAS IMAGENS DA OBRA DE SANT-EXUPÉRY: O QUE A SEMIÓTICA E O PEQUENO PRÍNCIPE ME DIZEM? Jocilene Scaini Marinheiro, Almerinda Tereza Bianca Bez Batti Dias	
14765 - O USO DE OPERADORES ARGUMENTATIVOS EM CONTO DE MACHADO DE ASSIS Júlia Regina Maciel ¹ , Almerinda Tereza Bianca Bez Batti Dias ²	



Trabalho Completo de Pesquisa

12330 - AS CATEGORIAS UNIVERSAIS PEIRCIANAS NAS IMAGENS DA OBRA DE SANT-EXUPÉRY: O QUE A SEMIÓTICA E O PEQUENO PRÍNCIPE ME DIZEM?

Jocilene Scaini Marinheiro, Almerinda Tereza Bianca Bez Batti Dias

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo analisar seis imagens da obra “O Pequeno Príncipe”, de Antonie de Sant-Exupéry, a fim de compreender como se dá o uso das imagens para a compreensão do signo no texto verbal. A abordagem utilizada neste estudo foi qualitativa e descritiva, com base teórica na semiótica de Charles Sanders Peirce, mais especificamente nas suas três categorias – primeiridade, secundidade e terceiridade – focalizando suas relações tríades com foco na linguagem verbal e não-verbal. Portanto, ao analisar cada Figura à luz das três categorias Peircianas, foi possível compreender que a imagem auxilia na interpretação do texto verbal, percebemos, assim, uma significativa contribuição das imagens para a compreensão da obra.

Palavras chaves: Semiótica, categorias de Peirce, relações tríades. Pesquisa qualitativa.

I INTRODUÇÃO

Interpretar o todo dentro de um contexto envolve conhecimento prévio e conhecimento compartilhado, segundo Fiorin (2004, p.166) “[A] pragmática estuda a relação entre a estrutura da linguagem e seu uso, o que fora deixado de lado pelas correntes anteriores da Linguística, que criaram outros objetos linguísticos”. Portanto, este trabalho se insere na Pragmática focalizando a semiótica peirceana.

No século XX, nasceu a Semiótica juntamente com a linguística. As duas ciências surgiram quase ao mesmo tempo em lugares diferentes. Na Europa, Saussure é reconhecido como o *pai* da linguística, uma ciência que estuda a linguagem verbal. Na América, Charles Peirce escreveu sobre Semiótica, mas foi somente nos anos 70 reconhecido como o seu fundador. Segundo Santaella (2007, p. 22), “[...] a semiótica peirciana é, longe de ser uma ciência a mais, é, na realidade, uma Filosofia científica da linguagem, sustentada em bases inovadoras que revolucionam, nos alicerces, 25 séculos de Filosofia ocidental”.

Segundo Pignatari (2009), Peirce possuía uma admirável diversidade de campos e interesses, matemático, físico, astrônomo, contudo não se dedicou somente às ciências exatas e naturais, mas se empenhou de forma especial pela Linguística, filosofia e história, sem detalhar aqui todas as suas contribuições em diversos campos, como por



exemplo a psicologia. Pignatari (2004, p.20) diz que a semiótica serve para “ler o mundo não-verbal: ‘ler’ um quadro, ‘ler’ uma dança, ‘ler’ um filme”.

A semiótica de Peirce, segundo Simões (2004), tem sido aplicada para uma compreensão mais ampla do signo. “A taxionomia triádica (primeiridade, secundidade, terceiridade) de classificação do signo e a definição da semiose dão maior visibilidade ao fenômeno da leitura e da compreensão de textos (verbais ou não)” (SIMÕES, 2004, p.35).

Segundo Simões (2004), quando utilizamos a semiótica para a compreensão daquilo que se pretende analisar, temos uma abrangência maior do signo. “Originalmente, o texto era visto restritamente como uma construção verbal; hoje, a noção de texto se alarga e sua composição se estende a qualquer constructo sógnico capaz de comunicar, de gerar sentido” (SIMÕES, 2004, p.35).

O *corpus* da pesquisa foi composto por seis imagens da obra de literatura infanto-juvenil, “O Pequeno Príncipe” escrito em 1943 por Antonie de Sant-exupéry, o qual relata a história de um avião que em uma pane aérea cai no deserto do Saara. Lá conhece o pequeno príncipe e seguem as histórias com muitas reflexões acerca da infância e outros temas como amizade, trabalho, etc.

O objetivo deste trabalho foi analisar de que forma as imagens selecionadas na obra contribuem para interpretação do significado no texto. As imagens foram analisadas perpassando as três categorias universais de Peirce – primeiridade, secundidade e terceiridade – sendo que no primeiro momento identificamos a primeira impressão (primeiridade), no segundo momento relacionamos a imagem com o conhecimento de mundo (secundidade) e por fim, relacionamos imagem e texto para chegar a uma interpretação (terceiridade).

Pensando em nossos objetivos o trabalho terá como percurso: uma breve explanação do que vem a ser pragmática e semiótica com base em teóricos conceituados na área; a metodologia; uma breve explanação do corpus deste trabalho, a obra “O Pequeno Príncipe”; e, por fim, uma análise das Figuras selecionadas a luz das categorias peircianas, ou seja, perpassamos e descrevemos todas as categorias (primeiridade, secundidade e terceiridade).

1 PRAGMÁTICA



A pragmática é uma ciência que estuda a linguagem. Contudo ela tem um olhar específico para a linguagem em uso. Ou seja, a pragmática tem a função de compreender além do que a sintaxe compreenderia na construção de uma frase, e a semântica compreenderia nesta mesma frase, o significado. Segundo Gouveia (1996), é a partir de um contexto linguístico que conseguimos definir o significado de certa palavra. Ele dá o exemplo de que é possível atribuir diferentes valores a palavra ‘mesa’ dentro do contexto que está inserida, como “a mesa vez provar a moção” e “a mesa está posta para almoço” (GOUVEIA, 1996, p. 384). No entanto, segundo o autor, sob o olhar da pragmática, é possível considerar outros aspectos além do que está posto na sentença. Logo, seria o extralinguístico, ou seja, não se conter somente na compreensão do significado literal das palavras. Então, poderia sugerir que o locutor no enunciado “a mesa vez provar a moção”, poderia querer dizer “esta assembleia é uma farsa” (GOUVEIA, 1996, p. 384). Dessa forma, far-se-ia uso dos conhecimentos que regulam a língua em sua situação de uso, sendo este o objeto de estudo da pragmática. Assim como Gouveia (1996), Pinto (2001) e Fiorin (2004) dão exemplos em que a pragmática tem este olhar para linguagem em uso. Esta ciência abarca para além da compreensão do significado linguístico.

Para tanto, a pragmática tem sido uma ciência a qual há um grande número de trabalhos publicados. E, segundo Pinto (2001), para compreender a área de estudo que está ciência abrange é preciso considerar sua variedade e homogeneidade. Contudo, apesar da variedade de trabalhos e pesquisas realizados em torno da pragmática, é possível encontrar pressupostos em comuns os quais também estão de acordo com os de Gouveia (1998). Entre eles, Pinto (2001) destaca dois; o fato de a pragmática levar em consideração a fala, ou seja, os estudos da linguagem em um contexto de produção social, e o segundo ponto são as exceções, ou seja, aquilo que antes era denominado ‘erro’ e que, segundo Pinto, são elementos criativos e inovadores que são investigados pela pragmática, não sendo assim, considerados equívocos ou erros. A autora dá um exemplo em uma gravação:

Entrevistadora: Então ela largou o namorado?

Entrevistada: Eu vi ela largar...largou sim...largou a ele...

Entrevistadora: A ele?

Entrevistada: é, a ele, sim; a ele...largou a ele aquela vida infeliz que eles tinham juntos...largou a ele. (PINTO, 2001, p.48)



Segundo Pinto ocorre um empasse na conversa, isso porque, a entrevistada cria uma estrutura diferente. Esta estrutura alterada, segundo a autora, é “ um objeto indireto inesperado” (PINTO, 2001, p.48). Logo, não é possível dizer que a linguagem é um sistema convencional e delimitado. Contudo os exemplos citados até o momento contribuem para explicar esta ciência, a pragmática, que tem uma abrangência maior em relação ao que está dito no enunciado, pois estuda o ato da fala e também o uso da linguagem, focaliza o que se pretendia dizer e não foi dito.

2 SEMIÓTICA

A semiótica é a ciência que estuda os signos para além do significado, ou seja, estuda o signo e todas as suas representações perpassando a área da linguística. Segundo Pignatari (2004, p. 21), “A Semiótica, ou Teoria Geral dos signos, é uma indagação sobre a natureza dos signos e suas relações, entendendo-se por signo tudo aquilo que represente ou substitua alguma coisa, em certa medida e para certos efeitos”.

Os estudos voltados para essa área de representações não são atuais, Vieira e Dias (2014) relatam que esta ciência teve sua origem iniciada com os gregos, perpassou a Idade média com Santo Agostinho e nos séculos XVII e XVIII foi destaque nos estudos filosóficos.

Para tanto, segundo Pignatari (2004), é nos anos 50 que surge uma onda de estruturalista em uma corrida contra o tempo para criar a semiótica, isto porque Saussure, considerado o pai da linguística, em seus estudos apontou a necessidade de uma ciência de signos “que abarcasse a própria linguística” (PIGNATARI, 2004, p. 16). Logo, o linguista suíço não cria a semiótica, mas sim a Semiologia, uma ciência dupla, isto porque Saussure partiu de suas dicotomias que o signo linguístico possui um significado e um significante.

Quase concomitantemente, no continente americano, o filósofo e matemático Charles Sanders Peirce contribui de forma significativa ao ponto de ser considerado o pai da semiótica moderna, segundo Pignatari (2004).

Peirce elaborou sua semiótica ao longo de quarenta anos de trabalho, pensando e repensando suas ideias e conceitos; ele era um lógico matemático e um filósofo (aos 14 anos lia Kant no original) e não um linguista, que concebeu a semiótica como um estudo da linguagem enquanto lógica e a sua lógica, tal como a de Marx,



vinha de Hegel – era uma lógica dialética e não aristotélica (como a de Saussure), o que não significa que desprezasse Aristóteles (ao contrário). (PIGNATARI, 2004, p.19).

Segundo Santaella (2007), são três fontes, nas quais a semiótica nasceu. Juntamente com a revolução industrial cresce o que Santaella (2007) chama de consciência semiótica. Isso porque é a partir daquele período que propagam os meios de difusão da informação. As três nascentes da semiótica, se assim se pode dizer, tiveram início ao mesmo tempo, contudo em lugares diferentes e autores diferentes. Uma inicia na União Soviética, outra nos EUA e a terceira na Europa Ocidental. Contudo, neste trabalho o foco será para a semiótica de Pierce, a qual será usada como ciência e método de pesquisa para a análise que se propõe neste artigo. Segundo Dias (2013, p.891), “[A] Semiótica pode ser utilizada como instrumento e como método de investigação científica de outras ciências, uma vez que nada pode ser investigado sem signos”.

Em 1902, Pierce chega à fenomenologia, um sistema de estruturas teórico e filosófico que abarca três categorias: primeiridade, secundidade e terceiridade. Segundo Dias (2013), essas categorias foram contestadas pelo próprio Pierce, foram 40 anos para construir sua teoria baseada na lógica. Ainda, segundo Dias (2013), Pierce rompe a dicotomia de Saussure e inclui um terceiro elemento nos estudos do significado.

As três categorias universais de Pierce perpassaram áreas como psicologia, física, entre outras e foram testadas e aprovadas pelo próprio matemático. Segundo Santaella (2007), são as mais universais e completas, e é possível apreender qualquer fenômeno por meio delas. Na primeiridade compreende em apreender a consciência como ela é no presente, ou seja, o agora. Já na secundidade, temos o contato com o mundo externo e as reações por conta deste contato. Por fim na terceiridade, temos a representação do signo para aquilo que ele nos representa. Dias (2007, p. 6) complementa: primeiridade – “Trata-se das possibilidades e qualidades”; secundidade – “É a percepção da realidade em que interagimos”; e terceiridade – “Trata-se do pensamento em signos, do crescimento contínuo, da mediação ou processo”.

Atualmente, a semiótica é uma área de grande investigações e indagações, “Algo nascendo e em processo de crescimento”, assim Santaella (2007, p. 8) definiu. Uma ciência nova a qual tem muito a ser explorada. Ainda segundo a autora não é possível definir tal ciência como algo acabado, pois defini-la seria limitar, já que possui um vasto campo de indagações.



Segundo Simões (2004), desde 1984 a educação tem sentido a necessidade de mudar não só a metodologia de ensino como também a mentalidade dos docentes. Desde então, a semiótica de Pierce tem sido uma possibilidade de interpretação do signo a partir do raciocínio lógico. A semiótica de Pierce e suas três categorias, como ciência e com uma perspectiva do ensino da língua, dá uma maior visibilidade e compreensão de textos verbais e não-verbais. Dessa forma, é com este olhar voltado a uma maior compreensão interagindo imagem e texto que se propõe neste trabalho fazer uma análise das imagens de O Pequeno Príncipe.

3 METODOLOGIA

Este trabalho apresenta uma análise de imagens selecionadas da obra *O Pequeno Príncipe*, especificamente seis imagens que se referem à visita do Pequeno Príncipe aos asteroides 325, 326, 327, 328, 329 e 330, à luz da semiótica de Charles Pierce, com base em suas categorias universais; primeiridade, secundidade e terceiridade. As imagens se encontram do capítulo X ao capítulo XV do livro “O Pequeno Príncipe”, as quais foram selecionadas aleatoriamente

A análise semiótica das imagens correlacionado-as com o texto corresponde no livro se deu a partir das três categorias e suas relações tríades: primeiridade, secundidade e terceiridade. Na primeira categoria foi observado a imagem tal como ela se apresentava, sem fazer nenhuma relação, foi a consciência imediata. Na secundidade foi considerado a relação de fatos externos interagindo com a imagem, ou seja, o conhecimento de mundo do leitor interagindo com a Figura. E por fim, a terceiridade, em que analisamos a interpretação do texto e imagem.

4 A OBRA

Antonie de Sant-Exupéry nasceu em 1900 na França e faleceu em 31 de julho de 1944, vítima de um acidente de avião. Era escritor, ilustrador e piloto francês. Sua obra mais famosa foi *O Pequeno Príncipe*, apesar de simples é repleta de simbologia em seus personagens que nos apresenta uma rica reflexão a respeito da infância e do seu olhar em relação as pessoas *grandes*.



Em *O Pequeno Príncipe*, o narrador nos conta a história de um aviador, que inicia narrando sua infância e suas experiências com seus primeiros desenhos. Experiências essas frustradas quando os adultos não compreendiam o significado de seus desenhos. E foi assim que ele aos seis anos abandonou “uma promissora carreira de pintor” (SANT-EXUPÉRY, 2009, p. 8). Então nosso aviador se dedica as coisas que os adultos julgam importantes e escolhe a profissão de piloto de avião. Até que um dia seu avião sofre uma pane e é obrigado a descer no deserto do Saara e, dessa forma, ele conhece o Pequeno Príncipe e todas as suas aventuras.

Entre as aventuras do Pequeno Príncipe se destacam sua visita aos asteroides, sua amizade com sua rosa ciumenta, seu planeta B612, o desenho de um carneiro, a raposa a qual é cativada pelo Pequeno Príncipe e a serpente. Contudo para o presente trabalho selecionamos a visita do Pequeno Príncipe aos asteroides 325, 326, 327, 328, 329 e 330. Nesses asteroides o Pequeno Príncipe conhece um rei, um vaidoso, um bêbado, um empresário, um acendedor de lampião e por último um geólogo.

5 ANÁLISE SEMIÓTICA

Na análise das Figuras será realizada por categoria, na sequência; primeiridade, secundidade e terceiridade, conforme já apresentado acima. No capítulo X da obra, temos a primeira imagem que apresenta a Figura de um rei sentado em seu trono em seu planeta que é muito pequeno. Sua roupa é branca com estrelas amarelas e detalhes em vermelho, seu manto é longo ocupando todo o planeta. Conforme ilustra a Figura 1.

Figura 1 – 1° planeta

Figura 2 – 2° planeta



Fonte: (SANT-EXUPÉRY, 2009, p. 36)



Fonte: (SANT-EXUPÉRY, 2009, p. 40)

De acordo com as categorias Piercianas temos, na primeiridade, o que seria a consciência imediata. A Figura do rei em sua cadeira sem qualquer interpretação com o exterior ou o que possa representar seu semblante ou sua roupa, enfim, o “presente, imediato, fresco, original, espontâneo, livre, vivido e evanescente.” (SANTAELLA, 2007, p.45).

A secundidade já nos permite um olhar mais detalhado da imagem, “a consciência reagindo em relação ao mundo”. (SANTAELLA, 2007, p.47). Assim, com este olhar mais detalhado, podemos dizer que este rei aparenta estar triste e sozinho. Mas, quando olhamos para a terceira categoria de Pierce podemos relacionar esta imagem com o texto e chegar a terceiridade. O rei dava muitas ordens, pois “o rei fazia questão que sua autoridade fosse respeitada. Não tolerava desobediência. Era um monarca absoluto. Mas, como era muito bom, dava ordens razoáveis”(SANT-EXUPÉRY, 2009, p.35). Na terceriedade temos a representação; um rei absoluto explícito na figura, pois toma conta de todo o planeta; e a interpretação, é generoso, porém uma generosidade que o favorece, pois não tolerava ser desobedecido. Podemos inferir a personalidade de alguém que almeja poder e sede a seus próprios princípios caso seja ameaçado em sua autoridade. Porém de forma alguma esgotamos aqui todas as reflexões que a obra oportuniza.

Logo, a informação verbal juntamente com a informação não-verbal nos permite a interpretação que temos um rei autoritário que talvez tenha perdido seus súditos e agora procura dar ordens que sejam razoáveis e possíveis de serem realizadas. Todavia, ele está sozinho como a imagem muito bem representa e quando o Pequeno

Príncipe deseja partir ele oferece um cargo de ministro, pois estava orgulhoso de ter um súdito e não queria perdê-lo. Portanto, é na terceira categoria que encontramos o que Santaella (2007, p.54) chama de “a noção de signo genuíno e triádico”, ou seja, e na terceiridade que as três categorias ficam completas.

No capítulo XI, temos imagem do segundo planeta, o qual é pequeno também. É habitado por um homem bem vestido. Ele está de esmoquin e cartola de cor amarela, sua face está rosada e há um desenho de um sol bem próximo a ele. Conforme podemos observar na Figura 2.

Figura 3 – 3º planeta



Fonte: (SANT-EXUPÉRY, 2009, p.41)

Figura 4 – 4º planeta



Fonte: (SANT-EXUPÉRY, 2009, p. 44)

Portanto temos a primeiridade, o presente, puro e ingênuo, mas o que você viu na primeridade? Já na segunda categoria a imagem nos remete alguém que prende a atenção ou deseja aprender pelo colorido das roupas. Seu planeta fica quase que imperceptível diante de sua aparência. Mas, quando colocamos o que Santaella (2007, p.51) chama de “uma camada interpretativa entre a consciência e o que é percebido”, temos a terceiridade. Desse modo, com a interpretação da imagem e o texto temos um homem vaidoso que deseja ser admirado. Quando o vaidoso percebe a visita do Pequeno Príncipe ele diz “- Ah! Ah! Um admirador vem visitar-me! – Exclamou a distância o vaidoso, mal avistara o príncipezinho. ” (SANT-EXUPÉRY, 2009, P.40). Portanto, conseguimos relacionar a imagem e texto perfeitamente e chegar à proposição de que, na visita ao segundo planeta, o Pequeno Príncipe encontra um homem extremamente orgulhoso.



No capítulo XII, temos a Figura de um homem sentado à mesa, em cima da mesa há três garrafas e um copo. Próximo à mesa há uma caixa com muitas garrafas, sendo esta a descrição que temos da primeira categoria de Pierce, como apresenta a Figura 3.

Considerando a secundidade de Pierce, temos um homem com semblante triste e com problemas relacionados a bebida alcoólica. Sendo está a inter-relação e integração que Dias (2013) pontua que o leitor fará com seu objeto na secundidade. Após a nossa consciência supor o que a Figura representa partimos para a terceiridade, a qual, segundo Dias (2013), trata de relacionar o objeto com seu interpretante, ou seja, “Trata-se do processo de mediação interpretativa, signo de generalidade.” (DIAS, 2013, p. 892). Portanto temos no capítulo XII uma breve conversa do Pequeno Príncipe com o bêbado que deixa o menino em uma profunda tristeza. Isso pelo fato de que o bêbado responde ao Pequeno príncipe que bebe para esquecer a sua situação de dependência do álcool. Assim sendo, podemos fazer este processo de mediação interpretativa das duas primeiras categorias chegando à terceira.

Portanto a imagem completa o significado do texto em que apresenta a Figura de uma pessoa em uma condição de dependência alcoólica e, por sua vez, não conseguindo resolver sua atual condição, entrega-se ao vício. Imagem e texto se completam, assim, o objeto (a secundidade) e o que ele representa (a primeiridade) chegam a uma interpretação (a terceiridade). Portanto, segundo Dias (2013, p.893), “no fluxo da semiose, buscamos relacionar: I – o signo como o percebemos, desvinculado, interdependente de seu objeto; II – o signo com o objeto que se inter-relaciona; III – o signo na mediação com seu interpretante”.

Pignatari (2004, p.46) apresentou um exemplo que ilustra a primeiridade “Eu caminhando por uma via de um grande centro urbano, sem que nenhuma ideia me ocupe a mente de modo particular e nenhum estímulo exterior enrijeça a minha atenção: em estado aberto de percepção cãndida, digamos”. Ou seja, na primeiridade relatamos de forma pura e ingênua, assim, dessa forma, seguem as primeiras observações do quarto planeta visitado pelo Pequeno Príncipe. Na imagem temos um homem de grande estatura sentado à mesa de escritório. Ele está fumando e vestindo um terno claro com uma gravata vermelha. Segue a Figura 4.



Com relação à segunda categoria de Pierce, ao analisarmos a imagem do homem nos remete a alguém que se dedica de forma extrema ao trabalho. Logo, chegamos a secundidade que, segundo Pignatari (2004), é quando deixa de ser puro e somos tocados por algo externo. “Por um acidente qualquer – um raio de sol refletido num vidro de edifício – minha atenção isola o referido edifício do conjunto urbano, arrancando-me da indeterminada situação perceptiva do estado anterior, ancorando-me no aqui-e-agora da secundidade”. (PIGNATARI, 2004, p.46). Logo, na secundidade, somos tomados por um olhar mais atento à imagem, e podemos nos remeter aos dias atuais relacionando com nossas experiências. Assim, ao analisar a Figura 4, na secundidade, o sujeito se remete a uma condição sua ou de alguém a que convive ou conheça.

Considerando a categoria da terceiridade, Pignatari (2004) conclui que esta etapa somos levados a um estado de consciência, portanto o edifício agora é analisado de tal forma que é possível identificar “as possibilidades construtivas do aço e do vidro.” (PIGNATARI, 2004, p. 46). Para tanto a Figura 4 em relação ao texto nos oportuniza a interpretação de que o empresário era um homem muito ocupado e sério.

– Há cinquenta e quatro anos habito neste planeta, e só fui incomodado três vezes. A primeira vez foi há vinte e dois anos, por um besouro que veio não sei de onde. Fazia um barulho terrível, e cometi quatro erros na soma. A segunda foi há doze anos, quando tive uma crise de reumatismo. Por falta de exercício. Não tenho tempo para passear. Sou um sujeito sério. A terceira...é esta! Eu dizia, portanto, quinhentos e um milhões... (SANT-EXPÉRY, 2009, p. 44).

O fragmento acima nos relata que, para o empresário, o trabalho era prioridade de tal forma que as únicas três visitas que ele recebe em cinquenta e quatro anos foram um incomodo. A Figura 4 nos auxilia a compreender e a interpretar o texto, pois apresenta o semblante sério e concentrado do empresário em seu trabalho de tal forma que não consegui fazer outra coisa a não ser isso. O Pequeno Príncipe compara o empresário com o bêbado quando diz “Esse aí, disse o Príncipe para si mesmo, raciocina um pouco como o bêbado” (SANT-EXUPÉRY, 2009, p.46). Pois o empresário está tão envolvido em seus cálculos quanto o bêbado estava em relação ao álcool.

No capítulo XIV, temos a imagem de um acendedor de lampião e um lampião. Ele está usando uma roupa de cor marrom e um cachecol verde, seu planeta é muito pequeno. Também temos duas estrelas e a imagem do sol. Conforme a Figura 5.

Figura 5 – 5º planeta



Fonte: (SANT-EXUPÉRY, 2009, p.49)

Figura 7 – 6º planeta



Fonte: (SANT-EXUPÉRY, 2009, p. 52)

Considerando a segunda categoria, na Figura 5, temos uma imagem que nos remete a um trabalho mecânico e sem sentido, isto porquê o homem ascende um lampião, mas existe um sol e não há mais ninguém a não ser ele e o lampião. Considerando a terceira categoria, temos no texto uma confirmação das observações realizadas na segunda categoria quando a obra nos relata que as descrições do Pequeno Príncipe em relação a este planeta.

O quinto planeta era muito curioso. Era o menor de todos. Tinha espaço suficiente para um lampião e para um acendedor de lampião...O pequeno príncipe não conseguia entender para que serviriam, no céu, num planeta sem casa e sem gente, um lampião e um acendedor de lampiões. (SANT-EXUPÉRY, 2009, p. 47).

A terceiridade busca na primeiridade e na secundidade, como já observamos, informações para a interpretação do texto. Embora depois desta observação acima realizada pelo Pequeno Príncipe, ele mesmo diz que, comparado aos outros moradores dos planetas já visitados, este parecia ser “menos tolo que o rei, que o vaidoso, que o empresário, que o beberrão. Seu trabalho ao menos tem um sentido”. (SANT-EXUPÉRY, 2009, P. 47). Contudo, quando é questionado pelo Pequeno Príncipe em relação ao seu trabalho, o acendedor diz que cumpre um regulamento de apagar e acender o lampião nos horários certos. Portanto, percebemos como as duas primeiras categorias são elementos para que ocorra a interpretação na terceira categoria. Observe a Figura 6 a qual traz uma síntese desta análise.

Figura 6: Procedimento de análise semiótica

Categorias universais	Categorias segundo Peirce	Análise da obra – capítulo VX
Primeiridade	Consciência imediata	Um acendedor de lampião, um lampião, duas estrelas, um sol e um planeta pequeno.
Secundidade	Os fatos externos interagindo	Um trabalho sem sentido, pois não há ninguém no planeta e na imagem tem um sol.
Terceiridade	Representação e interpretação	Um trabalho mecânico realizado sem questionamentos, pois o acendedor obedece às ordens sem refletir o sentido de seu trabalho.

Fonte: Dias (2013 – adaptado)

Faz se relevante pontuar que neste capítulo assim como nos demais analisados até o momento estão presentes mais reflexões por meio de metáforas e simbologias, pois a obra é rica em reflexões e questionamentos. Contudo neste trabalho nos detemos nas reflexões relacionadas às imagens articulando-as ao respectivo texto do livro. Mas cabe ressaltar que as categorias de Peirce são perfeitamente aplicáveis para toda a produção verbal da obra. Segundo Simões,

O fundamento filosófico da semiótica de Peirce viabiliza a reflexão sobre os esquemas de cognição. A taxionomia triádica (primeiridade, secundidade, terceiridade) de classificação do signo e a definição da semiose dão maior visibilidade ao fenômeno da leitura e da compreensão de textos (verbais ou não). (SIMÕES, 2004,p.35)

O sexto planeta “era dez vezes maior” (SANT-EXUPÉRY, 2009, p. 51), era o penúltimo planeta visitado pelo Pequeno Príncipe, após seria a Terra. E nossa última imagem a ser analisada pelas categorias Peircianas. Como já pontuamos, para Santaella (2007), a primeiridade seria a consciência sem a interação, logo como consciência na Figura 6 temos um senhor sentado à mesa examinando um livro, ao seu lado temos uma lupa. Senhor, pelo fato de usar uma barba branca. Conforme ilustra a Figura 7 abaixo.

Na secundidade seria ter o elemento da primeiridade mais um elemento externo, ambos interagindo, ou seja, na primeiridade, a Figura do homem sentado à mesa estudando. Já na secundidade apresentamos o elemento externo interagindo, o conhecimento de mundo, logo, a Figura remete a uma pessoa concentrada em sua leitura ou estudo, pelo fato de compreendermos que a lupa nos remete a um instrumento investigativo, deduzimos, então, que se trata de uma pesquisa mais detalhada.



A representação e interpretação desses elementos, segundo Dias (2007, p. 47), refere-se à “consciência reagindo em relação ao mundo”, é a teceiridade.

– Mas não sou eu explorador. Faltam-me exploradores! Não é o geógrafo quem vai contar as cidades, rios, os mares, os oceanos, os desertos. O geógrafo é muito importante para ficar passeando. Nunca abandona a sua escrivanhinha. Mas recebe os exploradores, interroga-os e anota seus relatos de viagem. E quando algum lhe parece mais interessante, o geógrafo faz um inquérito sobre a moral do explorador. (SANT-EXUPÉRY, 2009, P. 52).

Segundo o texto de Sant-Exupery (2009), o Pequeno Príncipe fica impressionado com o tamanho do planeta do geólogo e curioso para saber tudo o que há no planeta. Porém, ao questionar o morador do sexto planeta, fica surpreso ao saber que ele não conhecia nada do que registrava, pois ele precisava de exploradores para auxiliá-lo com as informações, ou seja, possui um conhecimento teórico e não possui experiências suas. É possível fazer esta interpretação relacionando imagem e texto, pois ambos nos apresentam um homem dedicado a seus estudos e anotações, e com um conhecimento plausível.

Contudo, ele se auto denomina um geógrafo, conceituando esta profissão sob uma perspectiva de senso-comum, um geógrafo seria um especialista em geografia, alguém que estuda, analisa, pesquisa e faz relatórios de aspectos geográfico da terra. A obra também possui uma fala relevante do personagem para a nossa interpretação, ele diz que “um geógrafo é muito importante para ficar passeando. Nunca abandona sua escrivanhinha. ” (SANT-EXUPÉRY, 2009, p. 52). Logo, podemos concluir em nossas interpretações que se trata de alguém que se dedica de forma extrema ao seu trabalho ignorando tudo o que está a sua volta. Na obra ele desconhece seu próprio planeta, como já vimos, isso nos direciona a uma interpretação de que ele desconhece as coisas que lhe pertence ou lhes são próximas, um exemplo, talvez a família.

Nesta nossa viagem aos planetas acompanhados da semiótica, percebemos que a análise que propomos fazer na teceiridade – texto e imagem – nos leva a inferir uma interessante reflexão, todos os cinco primeiros planetas eram pequenos e o sexto dez vezes maior. Sustentados na teceiridade (a representação do signo para aquilo que ele nos representa) observamos que os planetas são tão pequenos quanto seus donos eram, ou seja, limitados em suas mazelas. O Rei egocêntrico, o vaidoso soberbo, o bêbado dominado pelo vício, o empresário fixo em seu trabalho e o acendedor de lampião



e sua falta de senso crítico. Apequenaram suas vidas assim como seus planetas pequenos, o que nos leva a interpretação que suas debilidades os limitaram quanto seres humanos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as três categorias de Peirce, analisamos as seis imagens selecionadas na obra *O Pequeno Príncipe*, com o objetivo de identificar como se dá a contribuição da imagem na compreensão e interpretação do texto. Segundo Simões (2004), a semiótica dá subsídios para uma maior qualidade no processo de ensino e aprendizagem. Logo, podemos observar que utilizar as categorias universais de Peirce para analisar as imagens ofereceu uma ampla e rica interpretação da obra em questão.

A partir da análise semiótica das imagens selecionadas ratificamos o que Simões (2004, p. 35) afirma quando diz que “examinar algo numa perspectiva semiótica consiste em reeducar-se a percepção do mundo; redirecionar a capacidade de captação dos signos e significações resultantes da interação do homem com seu mundo e com o mundo que o cerca”. Dessa forma podemos constatar que analisar a obra à luz das categorias universais peircianas contribuiu significativamente para a interpretação da obra.

Ao viajar juntamente com o Pequeno Príncipe pelos asteroides ‘embarcados’ nas três categorias peircianas, compreendemos o que a obra relata ao início da viagem aos planetas “Ele se achava na região dos asteroides 325,326, 327, 328, 329 e 330. Começou, então, a visitá-los, para desta forma ter uma atividade e se instruir” (SANT-EXUPÉRY, 2009, p.34). Portanto para se instruir com a viagem como propõe nosso narrador é necessário ter uma apreensão do significado. Assim, à medida que embarcamos nesta viagem aos asteroides levando junto a semiótica, podemos dizer que enriquecemos a viagem e ampliamos nossa compreensão e conhecimento.

A limitação desta pesquisa se deu em razão de termos selecionado seis imagens da obra, em razão do tempo para término da atividade. Sugerimos que seja realizada pesquisa com todas as imagens do livro.

REFERÊNCIAS



DIAS, Almerinda Tereza Bianca Bez Batti. **Semiótica Peirceana: método de análise em pesquisa qualitativa**. Indagatio Didactica, vol. 5(2), outubro 2013.

FIORIN, José Luiz. (org.). Introdução à Linguística. FIORIN, José Luiz. **A linguagem em uso**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2004. 226 p.

GOUVEIA, Carlos A. M. **Pragmática**. FARIA, Isabel Hub et al. Introdução à Linguística: geral e portuguesa. Lisboa: Editorial Caminho, 1996. 630 p.

MUSSALIM, Fernanda. MENDES, Anna Christina. (Org.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. PINTO, Joana Plaza. **Pragmática**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001. 270 p.

PIGNATARI, Délcio. **Semiótica & literatura**. 6 Ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004. 195 p.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?** Taubaté, SP: Brasiliense, 2007. 84 p.

SAINT-EXUPÉRY, Antonie de. **O Pequeno Príncipe**. 48 Ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009. 93 p.

SIMÕES, Darcila (org.). Estudos Semióticos; papéis avulsos. SIMÕES, Darcila. **Leitura, compreensão de textos e aprendizagem: Uma abordagem semiótica**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2004. 150 p.

SIMÕES, Darcila (org.). Estudos Semióticos; papéis avulsos. SIMÕES, Darcila. **Contribuições semióticas na brincadeira séria de ler**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2004. 150 p.

VIEIRA, Luciana. DIAS, Bianca Bez Batti. **Análise semiótica de capas de livros didáticos**. Comunicação & informação. Goiânia, v.17, n. 2, p. 38-54, jul. /dez. 2014.



Trabalho Completo de Pesquisa

14765 - O uso de operadores argumentativos em conto de Machado de Assis

Júlia Regina Maciel¹, Almerinda Tereza Bianca Bez Batti Dias²

¹Acadêmica do Curso de Letras Português/Inglês. Universidade do Extremo Sul Catarinense, 7ª fase.
²Orientadora

Resumo: Este trabalho propõe identificar e analisar os operadores argumentativos presentes no conto *Teoria do medalhão*, de Machado de Assis. À luz da Semântica Argumentativa, com base teórica fundamentada principalmente em Koch (1987, 2002) e Ducrot (1962, 1987), realizou-se a pesquisa qualitativa descritiva. A linguagem é repleta de intencionalidades, e uma das formas de demonstrar intencionalidade e argumentatividade é por meio do uso de operadores argumentativos. No *corpus* escolhido, a tentativa de persuasão é perceptível e atenuada por meio do fenômeno analisado. Desta forma, constatou-se uso frequente de operadores argumentativos, o que gerou força argumentativa nos enunciados.

Palavras-chave: Semântica Argumentativa. Operadores Argumentativos. Conto.

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe uma análise com base na Semântica Argumentativa, fundamentado nas teorias de Koch e Ducrot. Do ponto de vista da argumentação da língua, é feita a discussão e análise dos operadores argumentativos para verificar o papel que exercem no discurso, assim como sua incidência e seus variados tipos. Para isso, o corpus analisado será o conto *Teoria do Medalhão*, de Machado de Assis.

Sabendo-se que os teóricos da Semântica Argumentativa consideram a persuasão algo presente em todo discurso, a presente pesquisa é válida para que esta questão seja analisada e verificada no texto.

O trabalho é estruturado de forma que, em primeiro lugar, na fundamentação teórica, será apresentada a base teórica desta pesquisa. Será explicitado o conceito de Semântica de maneira geral, de Semântica Argumentativa e de Operadores Argumentativos. Em seguida, na seção seguinte, será feita a análise do corpus de modo que se verifique a frequência e o uso dos operadores argumentativos no texto analisado. Por último, nas Considerações Finais, os principais resultados do trabalho serão expostos de maneira sintetizada.



1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Semântica

É difícil definir ao certo o objeto de estudo da Semântica, mas comumente se afirma que se trata do estudo do significado de palavras ou de sentenças. O problema maior nessa definição é delimitar o conceito da palavra “significado”, já que o termo é utilizado em diversos contextos diferentes (OLIVEIRA, 2003).

Por essa razão, sabendo que não há acordo em relação ao conceito exato de “significado”, a semântica possui vertentes, e cada uma delas possui um ponto de vista ao descrever o significado. Segundo Müller e Viotti (2007, p. 137),

tem semântica de todo tipo. Tem semântica textual, semântica cognitiva, semântica lexical. Tem semântica argumentativa, semântica discursiva... Todas elas estudam o significado, cada uma do seu jeito. Tamanha variedade já mostra que o estudo do significado pode ser feito de vários ângulos.

Há, por exemplo, o Estruturalismo, a Semântica Formal, a Semântica Cognitiva e a Semântica da Enunciação, sendo que, esta última, é a base teórica da presente pesquisa.

1.2 Semântica da Enunciação

Também conhecida como Semântica Argumentativa, essa abordagem surgiu no final da década de 70 e foi desenvolvida principalmente por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre. No Brasil, alguns dos principais nomes que contribuíram para a teoria são Koch e Guimarães.

O foco da Semântica da Enunciação, como a própria designação supõe, é o enunciado. Koch (2002, p.22) afirma que a função dessa Semântica é identificar enunciados cujo traço constitutivo é o de “serem empregados com a pretensão de orientar o interlocutor para certos tipos de conclusão, com exclusão de outros.”

A teoria também considera que todo discurso carrega uma argumentação, uma tentativa de persuadir o ouvinte por meio de argumentos. Para Koch (2002), a interação social é feita pela argumentatividade; o discurso nunca é “neutro”, sempre há uma



intencionalidade e também uma ideologia pessoal por trás do ato de argumentação que é o discurso.

Sobre isso, também destaca Guimarães (2001, p. 24),

a argumentação é vista como a busca da persuasão do auditório (alocutário) pelo locutor. Nesta perspectiva é que se pode dizer que a relação locutor/alocutário é constitutiva da enunciação, no sentido de que esta se faz na procura de procedimentos próprios para persuadir o alocutário. Ou seja, a representação do alocutário constitui o próprio modo de argumentar.

A partir do discurso, o interlocutor também decide o que falar considerando a sua experiência linguística e as consequências e reações que ele imagina que virão do ouvinte a partir do seu discurso. Sendo assim, o interlocutor escolhe as palavras visando produzir determinadas reações no ouvinte e obter os fins que deseja (DUCROT, 1972).

A Semântica Argumentativa, portanto, preocupa-se principalmente com o enunciado e com a argumentação contida no discurso do falante visando à persuasão, assim como as suas intenções por meio do vocabulário escolhido.

1.3 Os operadores argumentativos

Um dos termos provenientes da Semântica da Enunciação é “operadores argumentativos”, que, de acordo com Gouvêa (2006) é a designação de elementos da gramática de uma língua que indicam a força argumentativa dos enunciados, ou seja, marcas linguísticas que demonstram a argumentação do locutor.

Dentre os operadores, há palavras de várias classes gramaticais, e entre elas, destacam-se principalmente as conjunções, embora nem toda conjunção seja um operador argumentativo. Ou seja, além da função de auxiliar na argumentação, os operadores também servem como elementos de coesão do texto.

De acordo com Koch (2002), com base em Ducrot (1987), existem vários tipos de operadores argumentativos. Entre eles, destacam-se os operadores a seguir:

- a) Operadores que assinalam o argumento mais forte dentro de uma escala que direciona a uma conclusão. (Ex. Até, inclusive, pelo menos, etc.);
- b) Operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão: (Ex: e, também, ainda, além de..., não só... mas também, etc.);
- c) Operadores que introduzem conclusão relacionada a argumento anterior:



(portanto, dessa maneira, logo, etc.);

d) Operadores que introduzem argumentos alternativos e levam a conclusões opostas ou diferentes: (ou, ou...ou, quer... quer, seja... seja, etc.);

e) Operadores que estabelecem relação de comparação entre elementos: (mais que, menos que, tão... como, etc.);

f) Operadores que apresentam explicação ou justificativa de argumento anterior (porque, já que, pois, por isso, etc.);

g) Operadores que apresentam contraposição de argumentos orientados para conclusões contrárias: (mas, porém, contudo, embora, apesar de, etc.);

h) Operadores que introduzem conteúdos pressupostos: (já, ainda, agora, etc.);

i) Operadores que estabelecem relação em escalas opostas, ou seja, um deles funciona como afirmação total e o outro, como negação total: (somente, tão-somente, apenas, etc.);

Nesta pesquisa, serão considerados os nove tipos principais de operadores argumentativos, que foram listados acima, para a etapa de análise dos dados coletados.

2 METODOLOGIA

Para esta pesquisa, a abordagem escolhida foi qualitativa. Esse tipo de pesquisa não se preocupa com números nem com quantidade, mas sim, com o aprofundamento da compreensão dos dados do *corpus*, buscando explicar o porquê das coisas (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Os objetivos desta pesquisa foram descritivos, ou seja, visaram descrever um fenômeno com estabelecimento de relação entre variáveis e envolve o uso de coleta e análise de dados. (SILVA; MENEZES, 2005)

O *corpus* do presente trabalho trata-se do conto *Teoria do Medalhão*, de Machado de Assis. Foram analisados os operadores argumentativos presentes no conto a fim de verificar a persuasão presente no texto. Trata-se, portanto, de dados secundários.

3 ANÁLISE DE DADOS



O conto “Teoria do medalhão”, de Machado de Assis, apresenta a história de um pai tentando convencer o filho, por meio de argumentos, a seguir uma determinada profissão. Para persuadir o filho, vários operadores argumentativos são utilizados enquanto o pai apresenta seus argumentos. Serão analisados, nesse trabalho, os operadores argumentativos considerados de maior relevância.

O texto analisado é escrito em forma de diálogo. Considerando que é o pai que pretende convencer o filho durante a narrativa, serão analisados apenas os operadores argumentativos usados pelo personagem do pai no conto.

As Tabelas 1 e 2 a seguir apresentam os tipos de operadores argumentativos encontrados no conto e a frequência com que cada operador aparece.

TABELA 1

TIPO DE OPERADOR	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	FREQUÊNCIA (%)
Soma argumentos	82	52,90
Contraposição de argumentos	28	18,00
Argumentos alternativos	24	15,40
Justificativa ou explicação	9	5,80
Negação total ou afirmação total	5	3,20
Assinala o argumento mais forte	3	1,90
Conclusão relacionada a argumento anterior	2	1,20
Comparação	1	0,60
Introdução de conteúdo pressuposto	1	0,60
TOTAL	155	100

TABELA 2

TIPO DE OPERADOR	OPERADOR ARGUMENTATIVO	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS	FREQUÊNCIA (%)
	E	73	47,00
	Também	3	1,90



Soma argumentos	Ainda	2	1,20
	Além de	1	0,60
	Não... nem	1	0,60
	Não só	1	0,60
	Nem... nem	1	0,60
Contraposição de argumentos	Mas	17	10,90
	Embora	4	2,50
	Porém	2	1,20
	Apesar de	1	0,60
	Entretanto	1	0,60
	No entanto	1	0,60
	Posto	1	0,60
	Todavia	1	0,60
Argumentos alternativos	Ou	21	13,50
	Ou... ou	3	1,90
Justificativa ou explicação	Porque	6	3,80
	Por	1	0,60
	Por causa de	1	0,60
	Por isso	1	0,60
Negação total ou afirmação total	Somente	2	1,20
	Tão-somente	2	1,20
	Apenas	1	0,60
Assinala o argumento mais forte	Até	1	0,60
	Mesmo	1	0,60
	Pelo menos	1	0,60
Conclusão relacionada a argumento anterior	Dessa maneira	1	0,60
	Então	1	0,60
Comparação	Mais que	1	0,60
Introdução de conteúdo pressuposto	Já	1	0,60
TOTAL		155	100



O tipo de operador argumentativo que mais apareceu no conto foi o que soma argumentos. Isto se deu por conta da grande frequência da conjunção “e”, que obteve maior frequência de maneira geral no conto, com 73 ocorrências. Três ocorrências aparecem no trecho a seguir: “Isto é a vida; não há planger, nem imprecisar, mas aceitar as coisas integralmente, com seus ônus e percalços, glórias e desdouros, e ir por diante”.

A soma de argumentos é algo muito comum nos discursos de maneira geral, principalmente considerando o texto analisado, em que o pai deseja expor o máximo de argumentos possível para persuadir o filho. Além disso, a conjunção “e” é geralmente a mais usada para a soma de argumentos, por ser mais rápida, simples e adequada em diversos contextos.

O segundo tipo mais encontrado foi o operador que contrapõe argumentos orientados para conclusões contrárias. Dentre os operadores deste tipo, a conjunção “mas” apareceu com maior frequência, com 17 ocorrências. Uma delas é apresentada no seguinte trecho, em que o pai responde a uma pergunta do filho: “Não digo que não, mas há coisas em que a observação desmente a teoria”. O pai, neste trecho, não tem tanta certeza da resposta que dá ao filho, e utiliza o “mas” para demonstrar que possivelmente ele tem razão, adicionando a informação de que “a observação desmente a teoria”.

Este operador assemelha-se ao “e” no sentido de que é bastante utilizado em discursos, mas, neste caso, para contrapor dois argumentos. Inclusive, ao observar a tabela 2, percebe-se que o operador em questão representa pouco mais de 10% de frequência em todo o decorrer do conto, e é muito mais frequente do que os demais operadores usados para contrapor argumentos.

Os operadores que demonstram argumentos alternativos tiveram a terceira maior frequência geral. O único operador utilizado foi o “ou”, porém, de duas formas. A forma mais frequente foi apenas o “ou”, mas houve três ocorrências da expressão “ou... ou”. No seguinte trecho, o operador argumentativo “ou” é usado pelo pai para mostrar as opções partidárias que o filho pode ter: “Podes pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com a cláusula única de não ligar nenhuma ideia especial a esses vocábulos...”.

Neste trecho em questão, o pai não apenas citou a possibilidade de o filho poder pertencer a qualquer partido de sua escola, como também frisou esta ideia



demonstrando opções partidárias. Assim, o filho compreenderia que estaria livre nesse aspecto.

Dos quatro operadores utilizados no conto para justificar ou explicar algo, o mais frequente foi “porque”, também o mais comum dentre eles. Uma das tentativas de persuasão do pai por meio de justificativa usando o operador propriamente dito é a seguinte: “Se te aconselho excepcionalmente o bilhar é porque as estatísticas mais escrupulosas mostram que três quartas partes dos habituados do taco partilham as opiniões do mesmo taco”. É clara, neste trecho, a tentativa de mostrar vantagens para que o filho faça a escolha o que o pai deseja.

Percebeu-se que os operadores argumentativos mais frequentes são comuns e recorrentes na linguagem informal, que é a linguagem utilizada no texto.

Machado de Assis, no conto em questão, é extremamente irônico, mostrando um pai tentando convencer o filho a seguir uma profissão que não o permite pensar por si próprio. Ele procura evidenciar todas as possíveis vantagens da profissão, minimizando o fato de que ele passaria a não pensar por si próprio. Para Silva (2003, p. 36), Machado utiliza o termo *medalhão* “para designar um indivíduo sem talento nem originalidade, cujas condecorações provêm da habilidade de imitar o que os outros fazem por ser vazio, superficial e desprovido da capacidade de criar”. Isto é, o pai precisa usar recursos – como os operadores argumentativos – e utilizar-se de um longo discurso para mostrar vantagens de uma profissão em que não é permitido pensar, criar ou inovar, apenas imitar e reproduzir.

Considerando o total de 155 operadores argumentativos coletados no texto, é possível perceber que foi usada uma grande quantidade desse recurso linguístico para auxiliar na argumentação presente no conto de Machado de Assis. Além disso, os operadores argumentativos também tiveram como função a coesão do texto, já que muitos operadores são conectivos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto e considerando o ponto de vista teórico da Semântica Argumentativa já anteriormente apresentado, buscou-se, nesta pesquisa, investigar o uso e a frequência dos operadores argumentativos no conto *Teoria do*



Medalhão, de Machado de Assis. A situação encontrada no conto é de um pai tentando convencer o filho a seguir a profissão de medalhão, ou seja, ele fez uso de muitos operadores argumentativos ao explicar seu ponto de vista, a fim de expor seus argumentos e persuadir seu filho.

É possível perceber, portanto, diante da análise de dados e das tabelas apresentadas, que o uso frequente de operadores argumentativos no conto analisado serviu de apoio para a argumentação e persuasão encontradas no texto, além de servir também como elemento coesivo.

Por fim, a pesquisa de cunho teórico e descritivo permitiu maior embasamento na temática da argumentação de Ducrot e Koch, assim como a compreensão e a constatação da força argumentativa dos enunciados por meio do uso de operadores argumentativos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Papéis avulsos**. Rio de Janeiro: Mérito, 1962. 310 p.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Rev. Téc. Trad. GUIMARÃES, E. Campinas, SP: Pontes, 1987.

DUCROT, Oswald. **Princípios de semântica linguística** (dizer e não dizer). Tradução de Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Rosa Attié Figueira. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.

GOUVÊA, L.H.M. **Operadores argumentativos**: Uma ponte entre língua e discurso. IN: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; SANTOS, Leonor Werneck (orgs). *Estratégias de leitura: texto e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

GUIMARÃES, Eduardo. **Texto e argumentação**. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1987.

_____. **A interação pela linguagem**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MÜLLER, Ana Lúcia de Paula; VIOTTI, Evani de Carvalho. *Semântica Formal*. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 137-159. v. 2.

SILVA, C. M. C. **O narrador em contos de João Antônio**: Diálogo, experiência e discurso poético. 2003. 161f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2003.

SILVA, Edna Lúcia da, MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e**



elaboração de dissertação. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005. Disponível em: <http://tccbiblio.paginas.ufsc.br/files/2010/09/024_Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes1.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2016.

SILVEIRA, Denise Tolfo. CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **A pesquisa científica.** IN: GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs.) Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica. In: MUSSALIM, Fernanda.; BENTES, Anna (orgs.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras.** Volume 2. 3 ed., São Paulo: Cortez, 2003. p. 17 - 46.

ANEXO

Teoria do medalhão

Machado de Assis

Diálogo

- Estás com sono?
- Não, senhor.
- Nem eu; conversemos um pouco. Abre a janela. Que horas são?
- Onze.
- Saiu o último conviva do nosso modesto jantar. Com que, meu peralta, chegaste aos teus vinte e um anos. Há vinte e um anos, no dia 5 de agosto de 1854, vinhas tu à luz, um pirralho de nada, e estás homem, longos bigodes, alguns namoros...
- Papai...
- Não te ponhas com denguiques, e falemos como dois amigos sérios. Fecha aquela porta; vou dizer-te coisas importantes. Senta-te e conversemos. Vinte e um anos, algumas apólices, um diploma, podes entrar no parlamento, na magistratura, na imprensa, na lavoura, na indústria, no comércio, nas letras ou nas artes. Há infinitas carreiras diante de ti. Vinte e um anos, meu rapaz, formam apenas a primeira sílaba do nosso destino. Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos. Mas qualquer que seja a profissão da tua escolha, o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum. A vida, Janjão, é uma enorme loteria; os prêmios são poucos, os malogrados inúmeros, e com os suspiros de uma geração é que se amassam as esperanças de outra. Isto é a vida; não há planger, nem imprecar, mas aceitar as coisas integralmente, com seus ônus e percalços, glórias e desdouros, e ir por diante.
- Sim, senhor.
- Entretanto, assim como é de boa economia guardar um pão para a velhice, assim também é de boa prática social acautelar um ofício para a hipótese de que os outros falhem, ou não indenizem suficientemente o esforço da nossa ambição. É isto o que te aconselho hoje, dia da tua maioridade.
- Creia que lhe agradeço; mas que ofício, não me dirá?
- Nenhum me parece mais útil e cabido que o de medalhão. Ser medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês,



sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti. Ouve-me bem, meu querido filho, ouve-me e entende. És moço, tens naturalmente o ardor, a exuberância, os improvisos da idade; não os rejeites, mas modera-os de modo que aos quarenta e cinco anos possas entrar francamente no regime do apurmo e do compasso. O sábio que disse: "a gravidade é um mistério do corpo", definiu a compostura do medalhão. Não confundas essa gravidade com aquela outra que, embora resida no aspecto, é um puro reflexo ou emanção do espírito; essa é do corpo, tão-somente do corpo, um sinal da natureza ou um jeito da vida. Quanto à idade de quarenta e cinco anos...

- É verdade, por que quarenta e cinco anos?

- Não é, como podes supor, um limite arbitrário, filho do puro capricho; é a data normal do fenômeno. Geralmente, o verdadeiro medalhão começa a manifestar-se entre os quarenta e cinco e cinqüenta anos, conquanto alguns exemplos se dêem entre os cinqüenta e cinco e os sessenta; mas estes são raros. Há-os também de quarenta anos, e outros mais precoces, de trinta e cinco e de trinta; não são, todavia, vulgares. Não falo dos de vinte e cinco anos: esse madrugar é privilégio do gênio.

- Entendo.

- Venhamos ao principal. Uma vez entrado na carreira, debes pôr todo o cuidado nas idéias que houveres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente; coisa que entenderás bem, imaginando, por exemplo, um ator defraudado do uso de um braço. Ele pode, por um milagre de artifício, dissimular o defeito aos olhos da platéia; mas era muito melhor dispor dos dois. O mesmo se dá com as idéias; pode-se, com violência, abafá-las, escondê-las até à morte; mas nem essa habilidade é comum, nem tão constante esforço conviria ao exercício da vida.

- Mas quem lhe diz que eu...

- Tu, meu filho, se me não engano, pareces dotado da perfeita inópia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício. Não me refiro tanto à fidelidade com que repetes numa sala as opiniões ouvidas numa esquina, e vice-versa, porque esse fato, posto indique certa carência de idéias, ainda assim pode não passar de uma traição da memória. Não; refiro-me ao gesto correto e perfilado com que usas expender francamente as tuas simpatias ou antipatias acerca do corte de um colete, das dimensões de um chapéu, do ranger ou calar das botas novas. Eis aí um sintoma eloqüente, eis aí uma esperança, No entanto, podendo acontecer que, com a idade, venhas a ser afligido de algumas idéias próprias, urge aparelhar fortemente o espírito. As idéias são de sua natureza espontâneas e súbitas; por mais que as sofremos, elas irrompem e precipitam-se. Daí a certeza com que o vulgo, cujo faro é extremamente delicado, distingue o medalhão completo do medalhão incompleto.

- Creio que assim seja; mas um tal obstáculo é invencível.

- Não é; há um meio; é lançar mão de um regime debilitante, ler compêndios de retórica, ouvir certos discursos, etc. O voltarete, o dominó e o whist são remédios aprovados. O whist tem até a rara vantagem de acostumar ao silêncio, que é a forma mais acentuada da circunspeção. Não digo o mesmo da natação, da equitação e da ginástica, embora elas façam repousar o cérebro; mas por isso mesmo que o fazem repousar, restituem-lhe as forças e a atividade perdidas. O bilhar é excelente.

- Como assim, se também é um exercício corporal?

- Não digo que não, mas há coisas em que a observação desmente a teoria. Se te aconselho excepcionalmente o bilhar é porque as estatísticas mais escrupulosas mostram que três quartas partes dos habituados do taco partilham as opiniões do



mesmo tacho. O passeio nas ruas, mormente nas de recreio e parada, é utilíssimo, com a condição de não andares desacompanhado, porque a solidão é oficina de idéias, e o espírito deixado a si mesmo, embora no meio da multidão, pode adquirir uma tal ou qual atividade.

- Mas se eu não tiver à mão um amigo apto e disposto a ir comigo?

- Não faz mal; tens o valente recurso de mesclar-te aos pasmatórios, em que toda a poeira da solidão se dissipa. As livrarias, ou por causa da atmosfera do lugar, ou por qualquer outra, razão que me escapa, não são propícias ao nosso fim; e, não obstante, há grande conveniência em entrar por elas, de quando em quando, não digo às ocultas, mas às escâncaras. Podes resolver a dificuldade de um modo simples: vai ali falar do boato do dia, da anedota da semana, de um contrabando, de uma calúnia, de um cometa, de qualquer coisa, quando não preferas interrogar diretamente os leitores habituais das belas crônicas de Mazade; 75 por cento desses estimáveis cavalheiros repetir-te-ão as mesmas opiniões, e uma tal monotonia é grandemente saudável. Com este regime, durante oito, dez, dezoito meses - suponhamos dois anos, - reduces o intelecto, por mais pródigo que seja, à sobriedade, à disciplina, ao equilíbrio comum. Não trato do vocabulário, porque ele está subentendido no uso das idéias; há de ser naturalmente simples, túbio, apoucado, sem notas vermelhas, sem cores de clarim...

- Isto é o diabo! Não poder adornar o estilo, de quando em quando...

- Podes; podes empregar umas quantas figuras expressivas, a hidra de Lerna, por exemplo, a cabeça de Medusa, o tonel das Danaides, as asas de Ícaro, e outras, que românticos, clássicos e realistas empregam sem desar, quando precisam delas. Sentenças latinas, ditos históricos, versos célebres, brocados jurídicos, máximas, é de bom aviso trazê-los contigo para os discursos de sobremesa, de felicitação, ou de agradecimento. Caveant consules é um excelente fecho de artigo político; o mesmo direi do Si vis pacem para bellum. Alguns costumam renovar o sabor de uma citação intercalando-a numa frase nova, original e bela, mas não te aconselho esse artifício: seria desnaturar-lhe as graças vetustas. Melhor do que tudo isso, porém, que afinal não passa de mero adorno, são as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública. Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil. Não as relaciono agora, mas fá-lo-ei por escrito. De resto, o mesmo ofício te irá ensinando os elementos dessa arte difícil de pensar o pensado. Quanto à utilidade de um tal sistema, basta figurar uma hipótese. Faz-se uma lei, executa-se, não produz efeito, subsiste o mal. Eis aí uma questão que pode aguçar as curiosidades vadias, dar ensejo a um inquérito pedantesco, a uma coleta fastidiosa de documentos e observações, análise das causas prováveis, causas certas, causas possíveis, um estudo infinito das aptidões do sujeito reformado, da natureza do mal, da manipulação do remédio, das circunstâncias da aplicação; matéria, enfim, para todo um andaime de palavras, conceitos, e desvarios. Tu poupas aos teus semelhantes todo esse imenso aranzel, tu dizes simplesmente: Antes das leis, reformemos os costumes! - E esta frase sintética, transparente, límpida, tirada ao pecúlio comum, resolve mais depressa o problema, entra pelos espíritos como um jorro súbito de sol.

- Vejo por aí que vosmecê condena toda e qualquer aplicação de processos modernos.

- Entendamo-nos. Condeno a aplicação, louvo a denominação. O mesmo direi de toda a recente terminologia científica; deves decorá-la. Conquanto o rasgo peculiar do medalhão seja uma certa atitude de deus Término, e as ciências sejam obra do movimento humano, como tens de ser medalhão mais tarde, convém tomar as armas



do teu tempo. E de duas uma: - ou elas estarão usadas e divulgadas daqui a trinta anos, ou conservar-se-ão novas; no primeiro caso, pertencem-te de foro próprio; no segundo, podes ter a coquetice de as trazer, para mostrar que também és pintor. De outiva, com o tempo, irás sabendo a que leis, casos e fenômenos responde toda essa terminologia; porque o método de interrogar os próprios mestres e oficiais da ciência, nos seus livros, estudos e memórias, além de tedioso e cansativo, traz o perigo de inocular idéias novas, e é radicalmente falso. Acresce que no dia em que viesses a assenhorear-te do espírito daquelas leis e fórmulas, serias provavelmente levado a empregá-las com um tal ou qual comedimento, como a costureira esperta e afreguesada, - que, segundo um poeta clássico, Quanto mais pano tem, mais poupa o corte, Menos monte alardeia de retalhos; e este fenômeno, tratando-se de um medalhão, é que não seria científico.

- Upa! que a profissão é difícil!

- E ainda não chegamos ao cabo.

- Vamos a ele.

- Não te falei ainda dos benefícios da publicidade. A publicidade é uma dona loureira e senhoril, que tu deves requestar à força de pequenos mimos, confeitos, almofadinhas, coisas miúdas, que antes exprimem a constância do afeto do que o atrevimento e a ambição. Que D. Quixote solicite os favores dela mediante, ações heróicas ou custosas, é um sestro próprio desse ilustre lunático. O verdadeiro medalhão tem outra política. Longe de inventar um Tratado científico da criação dos carneiros, compra um carneiro e dá-o aos amigos sob a forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos. Uma notícia traz outra; cinco, dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo. Comissões ou deputações para felicitar um agraciado, um benemérito, um forasteiro, têm singulares merecimentos, e assim as irmandades e associações diversas, sejam mitológicas, cinegéticas ou coreográficas. Os sucessos de certa ordem, embora de pouca monta, podem ser trazidos a lume, contanto que ponham em relevo a tua pessoa. Explico-me. Se caíres de um carro, sem outro dano, além do susto, é útil mandá-lo dizer aos quatro ventos, não pelo fato em si, que é insignificante, mas pelo efeito de recordar um nome caro às afeições gerais. Percebeste?

- Percebi.

- Essa é publicidade constante, barata, fácil, de todos os dias; mas há outra. Qualquer que seja a teoria das artes, é fora de dúvida que o sentimento da família, a amizade pessoal e a estima pública instigam à reprodução das feições de um homem amado ou benemérito. Nada obsta a que sejas objeto de uma tal distinção, principalmente se a sagacidade dos amigos não achar em ti repugnância. Em semelhante caso, não só as regras da mais vulgar polidez mandam aceitar o retrato ou o busto, como seria desazado impedir que os amigos o expusessem em qualquer casa pública. Dessa maneira o nome fica ligado à pessoa; os que houverem lido o teu recente discurso (suponhamos) na sessão inaugural da União dos Cabeleireiros, reconhecerão na compostura das feições o autor dessa obra grave, em que a "alavanca do progresso" e o "suor do trabalho" vencem as "faucis hiantes" da miséria. No caso de que uma comissão te leve a casa o retrato, deves agradecer-lhe o obséquio com um discurso cheio de gratidão e um copo d'água: é uso antigo, razoável e honesto. Convidarás então os melhores amigos, os parentes, e, se for possível, uma ou duas pessoas de representação. Mais. Se esse dia é um dia de glória ou regozijo, não vejo que possas, decentemente, recusar um lugar à mesa aos reporters dos jornais. Em todo o caso, se



as obrigações desses cidadãos os retiverem noutra parte, podes ajudá-los de certa maneira, redigindo tu mesmo a notícia da festa; e, dado que por um tal ou qual escrúpulo, aliás desculpável, não queiras com a própria mão anexar ao teu nome os qualificativos dignos dele, incumbe a notícia a algum amigo ou parente.

- Digo-lhe que o que vosmecê me ensina não é nada fácil.

- Nem eu te digo outra coisa. É difícil, come tempo, muito tempo, leva anos, paciência, trabalho, e felizes os que chegam a entrar na terra prometida! Os que lá não penetram, engole-os a obscuridade. Mas os que triunfam! E tu triunfarás, crê-me. Verás cair as muralhas de Jericó ao som das trompas sagradas. Só então poderás dizer que estás fixado. Começa nesse dia a tua fase de ornamento indispensável, de figura obrigada, de rótulo. Acabou-se a necessidade de farejar ocasiões, comissões, irmandades; elas virão ter contigo, com o seu ar pesadão e cru de substantivos desadjetivados, e tu serás o adjetivo dessas orações opacas, o odorífero das flores, o anilado dos céus, o prestimoso dos cidadãos, o noticioso e suculento dos relatórios. E ser isso é o principal, porque o adjetivo é a alma do idioma, a sua porção idealista e metafísica. O substantivo é a realidade nua e crua, é o naturalismo do vocabulário.

- E parece-lhe que todo esse ofício é apenas um sobressalente para os deficits da vida?

- Decerto; não fica excluída nenhuma outra atividade.

- Nem política?

- Nem política. Toda a questão é não infringir as regras e obrigações capitais. Podes pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com a cláusula única de não ligar nenhuma idéia especial a esses vocábulos, e reconhecer-lhe somente a utilidade do scibboleth bíblico.

- Se for ao parlamento, posso ocupar a tribuna?

- Podes e deves; é um modo de convocar a atenção pública. Quanto à matéria dos discursos, tens à escolha: - ou os negócios miúdos, ou a metafísica política, mas prefere a metafísica. Os negócios miúdos, força é confessá-lo, não desdizem daquela chateza de bom-tom, própria de um medalhão acabado; mas, se puderes, adota a metafísica; - é mais fácil e mais atraente. Supõe que desejas saber por que motivo a 7ª companhia de infantaria foi transferida de Uruguiana para Canguçu; serás ouvido tão-somente pelo ministro da guerra, que te explicará em dez minutos as razões desse ato. Não assim a metafísica. Um discurso de metafísica política apaixona naturalmente os partidos e o público, chama os apartes e as respostas. E depois não obriga a pensar e descobrir. Nesse ramo dos conhecimentos humanos tudo está achado, formulado, rotulado, encaixotado; é só prover os alforjes da memória. Em todo caso, não transcendas nunca os limites de uma invejável vulgaridade.

- Farei o que puder. Nenhuma imaginação?

- Nenhuma; antes fazes correr o boato de que um tal dom é ínfimo.

- Nenhuma filosofia?

- Entendamo-nos: no papel e na língua alguma, na realidade nada. "Filosofia da história", por exemplo, é uma locução que deves empregar com freqüência, mas proíbo-te que chegues a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros. Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade, etc., etc.

- Também ao riso?

- Como ao riso?

- Ficar sério, muito sério...

- Conforme. Tens um gênio folgazão, prazenteiro, não hás de sofreá-lo nem eliminá-lo;



podes brincar e rir alguma vez. Medalhão não quer dizer melancólico. Um grave pode ter seus momentos de expansão alegre. Somente, - e este ponto é melindroso...

- Diga...

- Somente não deves empregar a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos cépticos e desabusados. Não. Usa antes a chalaça, a nossa boa chalaça amiga, gorducha, redonda, franca, sem biocos, nem véus, que se mete pela cara dos outros, estala como uma palmada, faz pular o sangue nas veias, e arrebeitar de riso os suspensórios. Usa a chalaça. Que é isto?

- Meia-noite.

- Meia-noite? Entras nos teus vinte e dois anos, meu peralta; estás definitivamente maior. Vamos dormir, que é tarde. Rumina bem o que te disse, meu filho. Guardadas as proporções, a conversa desta noite vale o Príncipe de Machiavelli. Vamos dormir.

FIM